

PROVIDENCE / 1976

(Providence)

um filme de **Alain Resnais**

Realização: Alain Resnais / **Argumento e Diálogos:** David Mercer / **Fotografia:** Ricardo Aronovich / **Música:** Miklos Rozsa / **Direcção Artística:** Jacques Saulnier / **Montagem:** Albert Jurgenson / **Som:** René Magnol / **Intérpretes:** Sir John Gielgud (Clive Langham), Dirk Bogarde (Claude Langham), Ellen Burstyn (Sonia Langham), David Warner (Kevin Woodford), Elaine Strich (Molly Langham e "Helen Wiener"), Denis Lawson (Dave Woodford), Cyril Luckham (Mark Edington), Samson Fainsilber (o velho lobisomem), Peter Arne (Nils), Anna Wing (Karen), Tanya Lopert (menina Lister), Kathryn Leigh-Scott (menina Boom), Milo Sperber (o alfaiate), Joseph Pittoors (o idoso), Souki (passageiro de avião).

Produção: Action Film, SFP, FR3, Citel Film (Genebra) / **Cópia:** digital, cor, versão inglesa, legendada eletronicamente em português, 103 minutos / **Estreia em Portugal:** Nimas, em 30 de Outubro de 1978.

Sessão apresentada por José Manuel Mendes

"Um grande jogo do imaginário", é a fórmula com que Resnais resume uma das suas obras mais complexas que, contraditoriamente, é também uma das mais transparentes, na medida em que a pouco e pouco a luz vai penetrando na série de intrigantes imagens, até revelar todo o seu sentido nas últimas sequências da reunião de família. É uma espécie de "puzzle" cujas peças vão sendo reunidas por um jogador na maior parte do tempo invisível, ou de quem apenas se ouvem os lamentos e exclamações de dor.

Esta estrutura aparenta o filme de Resnais com o **Citizen Kane** de Orson Welles. Aliás, a construção inicial é comum. Um lento movimento de câmara aproxima-nos de um portão de ferro ao lado do qual uma placa mostra-nos o nome da propriedade, "Providence", correspondente do "K". O travelling pelas árvores substitui os encadeados com que Welles nos transportava à mansão de Kane. Mas nos dois planos que se seguem Resnais praticamente copia Welles: a porta do quarto através da qual surge a luz do interior, e o objecto que cai de uma mão. O globo de vidro é em **Providence** um copo de vinho e o "Rosebud" dá lugar a um vigoroso "Damn!". Em **Citizen Kane** é o ponto de partida para um inquérito, em **Providence**, uma espécie de viagem fantástica por um passado metamorfoseado por alegorias. O percurso e a intenção são praticamente idênticas. As peças vão ocupando o seu lugar, de forma aparentemente desordenada, mas, tanto num caso como no outro, dentro de uma lógica rigorosa: Welles "ordena" o filme de acordo com o progresso das investigações e entrevistas do jornalista, Resnais segue a corrente de memória de quem a pouco e pouco compreendemos que está na origem das imagens evocadas e imaginadas: Clive Langham, interpretado John Gielgud.

A questão que se coloca é que tipo de imagens são estas. Que processo de transformação sofrem, para além da que deriva da própria memória. A profissão de Clive é, para isso, extremamente

significativa: escritor, logo um “demiurgo” que manipula personagens, constrói mundos, decide dos destinos dos personagens, mas acaba por ser também sua vítima. Ao processo de criação artística que **Providence** desenvolve junta-se o da resistência do autor aos personagens. Todo o personagem é buscado no mundo cognoscível do escritor, família, amigos, os problemas que afectam o mundo contemporâneo, os seus ódios amores e frustrações.

Tudo se ilumina, como atrás disse, no encontro final de Clive com o filho Claude e a mulher, e Kevin (o “bastardo feito em Genebra”), a que se junta, pouco antes, o insert da mulher de Clive morta na banheira. Claude pergunta ao pai sobre o novo livro, “Quem disseca desta vez?”. **Providence** é uma inteira dissecação que nessa noite de vinho e insónias Clive faz a si próprio, metaforicamente apresentada no horror de uma dissecação real. O cadáver é como um personagem, que Clive vai abrindo e retirando as vísceras, mas coloca-se aqui no ponto do dissecado com a voz off resistindo ao trabalho do patologista. A inquietação dos personagens não se manifesta apenas nesta sequência: Kevin, ele próprio, pergunta a Eddington o que faz ele no seu universo. Apenas Claude parece entender qual o seu lugar, o que corresponde à forma mais ou menos passiva na sua relação com o pai, que a visita final deixa entrever.

As referências mais misteriosas de **Providence** têm a ver com a transformação “bestial” de Kevin, que nos surgem como uma outra dissecação: a da animalidade do homem, as forças primitivas e os instintos que a civilização domesticou mas não fez desaparecer. As imagens de um imaginário fantástico, que hoje cultivam a banda desenhada e o filme de terror (o mito do lobisomem) surgem aqui incluídas numa narrativa também de características fantásticas mas onde é evidente a referência contemporânea: os militares perseguindo o símbolo da “diferença”, o estádio transformado em prisão e as execuções sumárias põem em relevo a manifestação de barbárie a que o mundo assistira recentemente: o golpe militar no Chile. Na forma como a câmara se aproxima dessas imagens de horror, Resnais retoma o seu documentário **Nuit et Brouillard**.

O tema que percorre **Providence** é o processo de criação artística, a transformação dos elementos reais numa ficção (e o cartaz de promoção ao filme é um dos mais sugestivos que se fizeram na forma como sintetiza a ideia: um cérebro humano que na base se transforma a pouco e pouco numa pena). Resnais desenvolve-o da mesma forma como fizera no seu filme mais famoso: **L'Année Dernière à Marienbad**. Num caso como no outro todos os personagens parecem marionetas manipuladas por alguém de fora, um narrador-criador, que os conduz pelos labirintos das suas obsessões, confrontando-se com a resistência dos manipulados. Os dois filmes iluminam melhor um filme posterior de Resnais, **I Want to Go Home**, que mais não é do que uma nova versão, em tom de comédia, destes dois filmes, com Adolph Green e a filha prolongando a relação de Clive e Claude.

Providence marca um momento de ruptura na obra de Resnais, e a mais decisiva, na medida em que reflecte o próprio processo da criação de um filme por Resnais. Em certa medida Resnais é Clive na busca de sentido e de organização do seu mundo interior.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico